

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIÉNTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

Um livro d'ouro, pelo padre Senna Freitas.

—SECÇÃO RELIGIOSA: *Vinte e cinco por cento Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica, por um que tem a Biblia*, pelo padre Rademacker.

—SECÇÃO LITTERARIA: *A educação religiosa na família e na escola*, por Bernardino José de Senna Freitas; *Dorothea e Theophilo, ou os Desposados do Céu*, romance (Continuação). — O CERRO NA CAMARA DOS DEPUTADOS: *Discurso de, s. exc.ª revd.ª o sr. dr. Pires de Lima, governador do bispado de Aveiro*, na sessão de 14 de maio. — EDIÇÕES DE PROPAGANDA CATHOLICA: *A Maçonaria e os Jesuitas*, por R. Vellozo. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. do Freitas.

GUIMARÃES, 15 DE JUNHO

Um livro d'ouro

Estava eu ainda na cidade de Ponta Delgada (ilha de S. Miguel) onde nasci e me criei, mas d'onde vivo ausente ha 24 annos, quando alli residia o nosso eminente litterato Antonio Feliciano de Castilho.

Morava então Castilho quasi defronte de Felipe de Quental, distincto michaelense, hoje (se me não engano) cathedrático da Universidade na faculdade de medicina, e cujo sobrinho, o tristemente célebre Anthero de Quental (1), fôra meu condiscipulo na escola de Mr. Clairouin, actualmente de morada no Funchal, mas então professor da sua lingua em Ponta Delgada.

Meu pai, Bernardino José de Senna Freitas, dava-se muito com Castilho e visitava-o a miude. Quasi sempre me levava consigo, mais a meu irmão Bernardino. Castilho tambem tinha filhos. Lá os velhos fica-

(1) Repugna-me adverbial de um modo tão pouco favoravel a reputação litteraria de um patricio meu; mas não posso levar a bom que elle pozesse o seu muitissimo talento ao serviço da mais desoladora das philosophias, d'aquelle que faz taboa raa da mais luminosa e consoladora de todas as philosophias — a philosophia christã. Que outra coisa é o positivismo, que desenvolve tanto espirito a provar que não ha espirito, senão desolação e morte?

vam-se na sala ou no escriptorio a runnar litteratura e a diplomatisar sobre politica á luz das gazetas do dia e do azeite (o petroleo ainda entre nós não declarára guerra á oliveira, destronando o azeite do salão para o prato e para a tasca), nós cá os rapazes, os *bambini*, iamos para os fundos da casa saltar, retouçar, gritar ou abancavamos-nos em redor da meza de jantar e punhamo-nos a improvisar *pues Paulinos* com massa de lacrar garrafas.

Algumas vezes, o auctor da *Noite do Castello* chamava-nos para junto de si e entrava a jogar connosco tão de vontade como se de repente arripiara cincoenta ja-neiros. Alegrava-o mais ouvir-nos rir do que ouvir-se a si proprio na leitura que por ventura lhe tizessem d'uma das suas mais formozas paginas.

Acabava o jogo, e eu ás vezes assentava-me muito sério e calado a olhar com os grandes olhos de cristal dos nove annos para os olhos fechados de Castilho, immoveis como duas capsulas partidas, e a ouvir-o dissertar com meu pai sobre os homens e as cousas d'então. Está-me parecendo observá-lo ainda com o pescoço estendido, a arteria tumida de ferro a latejar-lhe sobre a fonte, a testa illuminada, a palpebra morta; procurando n'um mundo intelligivel e superior o raio de luz que o mundo sensivel lhe negava; ora sorrindo com aquelle sorriso esbatido dos cegos, ora introduzindo Virgilio e Horacio na conversa (séstro d'elle) ou emittindo um pensamento feliz a que só a palavra, ainda mal, podia dar relevo, ora inclinando-se todo curioso para o lado de quem lhe fallava; que os olhos tambem ouvem e elle perdera-os para sempre.

Parece-me vê-lo, dizia eu, e vejo-o até melhor agora que n'essa epocha, como quem o vê com a infancia de menos e yinte annos mais.

Lembra-me a mim dizer: «este Castilho ha-de por força ter talento a valer. Como é que elle é cego e tudo aqui vem accender-se ao seu foco! Como é que para si nunca é dia e elle é dia alto para os outros.»

Andava então muito pela meza e pelas mãos de meu pai um livro, havia pouco, impresso em Ponta Delgada, intitulado

«Colloquios aldeões», por Timon. Era uma traducção portugueza anonyma do original francez; mas eu sabia que o auctor d'ella era Antonio Feliciano. Por esquivar anachronismos não lhe apponho aqui o prefixo —visconde.—Na pázada dos titulos e commendas annuaes ainda o governo não tinha atirado com o viscondado ao ensigne litterato, que encordoou com a despeza a que o obrigou a *officiosa graça*.

Já um par de vezes eu pegára no livro para me pôr a mirar o tosco retractor que lhe defronta o rosto ou frontispicio, e que a final é uma gravura a proposito de Timon, mas nada mais. Porém d'uma feita passei do lazer de creança amiga de figuras e do que falla aos olhos, á leitura dos «Colloquios».

Pegar e não largar mais até á ultima falla de «Francisco» foi uma e mesma cousa. O que é que tanto me alliciou na obra de Timon? A alta philosophia christã que elle reparte ao leitor já triturada e por assim dizer como «pão em pequeninos»? A philosophia é a sciencia da plena virilidade da razão; não a da infancia. As noções essencialmente práticas de sociologia (já que sociologia querem) e de direito administrativo popular, ácerca do qual discreta Timon admiravelmente? Letra morta para mim n'essa epocha. O que então? Foi a forma dialogada do livro, tão imitativa da vida e animação que caracteriza a conversa familiar, foi a linguagem amavel do auctor que se lhe desentranha d'alma e lhe está a rever a cada pagina, infiltrando-se nos nosso coração como um perfume que sobe suavemente ao cerebro, foi o bom humor caseiro que lhe está a sorrir por entre os bicos da penna, e para tudo dizer, e por sobre tudo, melhor dizer n'uma palavra, a inimitavel naturalisação d'esses quilates do original na elaboração litteraria de Castilho, que soubo transmutar todos os idiotismos campesinos, todos os rídes d'aldeia, todas as locuções domesticas, todo o genio do pensar e até da hilaridade francezes nos idiotismos, nas locuções, no genio do sentir e da hilaridade portuguezes. Não foi só um escriptor estrangeiro que o cego-vidente d'alguma sorte converteu n'um escriptor nacional, foi uma litteratura trasfegada n'outra litteratura com os geitos peculiar-

res e as louçainhas características d'ella. Ha no livro, a mais d'isso, como uma fusão do coração do auctor no coração do traductor. Compreenderam-se, compenetraram-se. Esta identificação concebe-se. Ambos amavam com esse cavalleiroso amor da humanidade que só scisma em melhorar-lhe a sorte; ora o amor não é meramente subjectivo nem diverge com os paizes como os linguas. O amor não tem patria ou não tem outra senão o seio de Deus, que sobre nós deixou cair uma gota do seu infinito amor, para dotar o homem do mais rico thesouro que elle possui. Ha mais originalidade nos «Colloquios» vertidos por Castilho que em muitas obras que por ahi ifupam de originaes, e das quaes os auctores deveram dizer, não «o meu livro», mas «o nosso livro».

Ora ahi está o que me encantou nos «Colloquios». Não o via por certo ha vinte annos como agora, mas via-o vagamente; e fascinava até o meu amor proprio infantil o encontrar em letra redonda a eloquencia criançal e a lexicologia completa que eu extravasava nas minhas cóleras d'um quarto d'hora e nas minhas alegrias de todas as horas com meu irmão Bernardino, da nossa caza a dentro, e com Julio e Eugenio de Castilho em caza d'elles. Empertigava-me todo como um coronel d'infanteria, e dizia: já entendo um livro!

Ha bem tempo que se me desluziram da memoria essas emoções da infancia e a bella obra que as occasionou.

Porém eis que ella me reaparece hoje impressa no Porto, não já nas rachiticas condições typographicas em que de primeiro o fóra em S. Miguel, *enriquecida*, valha a verdade, com uma gravura de fancaria (o que não exclue a boa intenção), mas sim em magnifico typo e papel, e rejuvenecida pela feliz iniciativa do exc.^{mo} sr. dr. Cassiano Pereira Pinto Neves. Os «Colloquios» trazem d'esta vez, como de razão, o nome do traductor, e o governo praticou um acto a todos os respeitos acredor da gratidão dos paes de familia e do publico em geral, adoptando a obra para uso das escolas publicas. Estou que o fez sob parecer alvitado pelo referido sr. dr. Cassiano. D'aqui envio ao illustrado lamecense os meus cordeaes parabens pelo relevante serviço que prestou, com a publicação de um livro de ouro, á moralidade, á educação, e á boa litteratura patria. Pela parte que me toca entendo que elle entra nas escolas pela porta como um amigo leal e não pela janella como entrariam os hoídes de rosalgar dos Theophilos, Junqueiros e compadrio.

De bom grado soldo relações com a primeira obra que me lembro do ter lido espontaneamente. Ella, porém, remoçou e eu envelheci. Não se estende á especie hu-

mana o privilegio das edições. Pois tanto melhor; a actualidade acirra-me o gosto de ouvir de novo as philosophicas palestras de «mestre Pedro», e o desenvolvimento da minha razão torna-me mais idoneo para melhormente as comprehender e tomar-lhes o sabor.

Timon por qualquer se faz ler sem custo, é dizer pouco, faz-se amar. E faz-se amar porque ama, porque lhe palpita no coração o desvelado amor da humanidade, sobre tudo da porção mais interessante d'ella e mais inspiradora dos impulsos de um generoso interesse—a creança e o pobre.

Viveu e escreveu n'essa epocha em que a França adormecera no scepticismo, passados os paroxismos da grande revolução e as negações brutaes da Encyclopedia; epocha, por assim dizer, incolor em que os espiritos cultos criam e descreiam aos mezes, balouçados entre o espiritualismo expirante e o realismo nascente.

Não obstante, Timon, ou sem pseudonymo, Cormenin, ostenta-se um auctor accentuadamente espiritualista e francamente christão. Este seu caracter moral descobre-se-lhe, aliás, em todos os seus escriptos, nos «Colloquios» como no «Livro dos Oradores», no «Curso de Direito Administrativo», e nos seus muitos folhetos de sação. Creu no bem moral, por isso lhe volou tempo, cuidado e penna, e d'elle soube escrever com os caudaes nativos de um coração espiritualista irradiado por um lucido engenho; creu no christ'anismo, por isso soube fallar com as convicções e a fé dos crentes que appellam para o futuro e para Deus, ao carrear uma pedra para o edificio da perfectibilidade social.

Os «Colloquios» são uma especie de evangelho humano do parochio d'aldeia e do filho dos campos. Despontam-se alli ás vezes uns longes do sermão da montanha; julga-se a espaços ouvir um echo sumido da palavra que ouviram encantadas as margens de Tiberiades e as colinas de Semoris. Ao auctor, enojado da vida tumultuosa e sensual das cidades, refoge-lhe o espirito para os campos onde ainda se nos deparam alguns veios do bom ouro da primitiva simplicidade e pureza patriarchaes. E' assim que Timon se incarna na sympathica e rural individualidade de «Pedro», e com primores de graça, de perspicacia, de bom senso, põe-se a dialogar com «Francisco» sobre a necessidade do ensino primario, sobre a escola, sobre a igreja, sobre os asylos da infancia desvalida, sobre a mendicidade, sobre as caixas de previdencia, etc, engenhandose a fazer de cada aldeia, *si tantum audere fas est*, um pequeno Paraguay do seculo 16. E fal-o-hia se atraz do livro lá

fossem os bravos da illustre Companhia de Jesus, que agora como então (ao domarem os Guaranis com a arma incruenta da cruz e ao *emparadisarem* uma republica d'antes constituída por barbaros) provariam que o simples Evangelho em acção é mais eficaz para civilisar povos que todas as machinas de fazer leis e que todo o fófo palamfrio dos evangelistas de gabinete.

Os «Colloquios aldeões» são um livro que faz bem. Deixa o sorriso nos labios e o desejo da virtude no coração. Não desgatilha d'entre as maxillas escancaradas do leitor a gargalhada frasqueira do romance realista ou da poesia á Donas Boto e Guerra Junqueiro; não condensa no espirito o gelo da incredulidade, não requeima as flores d'alma para substituil-as pela aridez calcinada do positivismo, que tudo mata e nada cria. A revezes, é um livro que não só falla a mais genuina lingua portugueza na perfeita traducção de Castilho, não só instrue como cultas palestras de cõrte em serões d'aldeia, mas moralisa, o que é ainda mais, arranca o coração ao mesquinho egoismo que em tantos homens domina para eleva-lo ás vastas e generosas preoccupações do aperfeiçoamento social; ensina-nos que não pôde haver prazer superior ao de distribuir pelo ignorante o pão do conhecimento, ao de levar o concheço aos membros que tiritam, e uma palavra de conforto aos olhos que choram.

Um livro assim recommenda-se por si proprio, nem carece de *reclame* para ser comprado e lido. E' um alimento plastico que só desdenharão os que já têm a membrana mucosa do estomago derrancada pelos alimentos ultra-indigestos da moderna litteratura materialona e corruptora.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Vinte e cinco por cento!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem replica, por um que leu a Biblia.

XII

E NÃO ESTÁ EXPRESSAMENTE PROIBIDO POR DEUS NA BIBLIA O FAZER ESTATUAS E VENERAL-AS?

Em quanto a imagens o que lêmos na Biblia é, que Deus prohibe no Exodo (C. XX v 4), no Deuteronomio (C. VI, v. 16 s C. V, v. 8) e nos Psalmos (Ps. X, C VI, v. 70) o fazer estatuas para adoral-as, como

explica o Levitico (C. XXVI, v, 1) e por isso pede David que *usejam confundidos os que ADORAM esculturas* (Ps. X, C VI, v. 7): porém o fazer imagens e *veneral-as* como emblemas de cousas ou pessoas santas não só o permittiu, mas até o mandou Deus na mesma Biblia algumas vezes, como por exemplo: quando ordenou que se collocassem dous Cherubins d'ouro sobre a Arca (Exd. 37, 7) e quando mandou pôr a serpente de bronze no meio do campo dos Israelitas (Num. 21, 9). O que prohibiu, pois, foi que se fizessem *esculpturas idolatricas* para *adoral-as*. Mas os catholicos adoram acaso as imagens de Jesus Christo, de Maria Santissima ou dos Santos? Um menino da escola sabe entre nós que as imagens *não se adoram*. Nos catholicos *veneramol-as* pelo que representam; e os protestantes, que por isso nos accusam, não sabem o que dizem.

XIII

A BIBLIA FALLA DO PARAIZO E DO INFERNO, MAS NÃO FALLA DO PURGATORIO

Graças a Deus! Pelo menos os protestantes reconhecem que ha paraizo e inferno.

Temos chegado a tempos em que, até de isso duvida certa gente, para quem o homem não passa de um macaco aperfeiçoado cuja alma em nada differe da de um cão! Porém não devemos estranhar que os protestantes não achem na Biblia uma palavra sobre o Purgatorio visto que hão tirado da mesma Biblia o que julgaram cauzar-lhes estorvo.

Se não houvessem rejeitado da Biblia, entre outras cousas, os livros dos Macabeus leriam n'elles que «Judas Macabeu mandou fazer um sacrificio pelos mortos, piedosa e religiosamente pensando na resurreição... e que tanto era santo e saudavel pensamento orar pelos defunctos para que lhes fossen perdoados os peccados» (II. Machab. 12, 43 e 46). Mas como os protestantes, apesar de protestar contra a tradição, descobrem na mesma tradição (com uma estupenda logica de borracha) que os livros dos Macabeus não são canonicos, lêiam o Evangelho de S. Matheus e verão que o proprio Jesus Christo disse: que «ha peccados que se não perdoam nem n'este seculo nem no futuro isto é, nem n'este mundo nem no outro (Math. 12, 32), d'onde se deduz que os ha que se perdoam no outro, isto é, que ha no outro mundo um logar de expiação que precisamente não é outra cousa mais que o Purgatorio. Lêiam S. Paulo que fallando da resurreição final, diz: «Para que baptizar-se (isto é, segundo a expressão hebraica) para que padecer ou sacrificar-se pelos mortos se elles não resuscitam? d'onde se conclue que os suffragios pelos defunctos não são inuteis (I Corint. 15, 29). Lêiam Job o qual pede a Deus «que o ampare no inferno, enquanto não passar a sua indignação» (Job. 14, 13), e depois digam-nos onde quer S. Matheus, que se perdoem peccados no outro mundo? Onde quer S. Paulo que estejam os defunctos a quem aproveitarão os suffragios? Onde quer Job que Deus o tenha em

quanto não passar sua indignação? No céu? Claro está que não, porque ali não pôde haver peccados que ha am de ser perdoados, nem necessidade de suffragios para os que já gozam, nem possibilidade de indignação de Deus contra seus escolhidos: no inferno ainda menos; porque lá, segundo a mesma Biblia, a pena é eterna: n'ello ha horror sempiterno» (Job. 10, 22): logo é evidente que existe o purgatorio. O purgatorio, digo, que os protestantes não encontram na Biblia! Mui miopes devem ser esses incansaveis leitores da Biblia que não comprehendem!

XIV

PORÉM A SUPREMACIA DO PAPA, ESSA COM CERTEZA NÃO A ENCONTRAM OS CATHOLICOS NA BIBLIA

Chegamos afinal á grande questão. O Papa! Eis o fatal pežadello dos protestantes. É sem embargo nada mais biblico que esse dogma. Primeiramente, ou Christo fundou uma Igreja que havia de ser perpetua ou não. Se a verdadeira Igreja não havia de ser perpetua como disse que estaria conosco até á consummação dos seculos. (Math. 28, 20); e, se devia sel-o como podia estar senão apoiada sobre o apostolo a quem disse Christo «tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja?» (Math. 16, 18). Sabido é que Pedro morreu na perseguição de Nero, logo ou a verdadeira Igreja acabou com elle, porque lhe faltou o cimento, e isto seria contra o primeiro texto citado, ou o privilegio de ser pedra fundamental da Igreja passou de Pedro aos seus successores e então está fora de duvida a supremacia do Papa.

Com este raciocinio fundado na Biblia é facil ver que a Pedro e a seus successores, e não sómente a Pedro pessoalmente, se referem outros muitos testimunhos evangelicos que provam a supremacia do Papa. A todos os apostolos havia dito Jesus Christo:—Ide e ensinac—(Math. 28, 19); mas só a S. Pedro disse:—confirma teus irmãos. (Luc. 22, 32): Amas-me tu mais que estes? apascenta pois minhas ovelhas e meus cordeiros (Joann. 21, 15 a 17). «Entregar-te-hei as chaves do reino do céu—(Math. 16, 19).

Portanto se a verdadeira Igreja não acabou para sempre com a morte de S. Pedro, cegos devem ser os protestantes, se não vêem a supremacia do Papa consignada claramente n'essa Biblia que tanto afan lhes causa e que tanto apregoam, sem dar-se ao trabalho de ver o que ella diz.

XV

O FANATISMO DOS CATHOLICOS PELO SEU PAPA OS HA FEITO INVENTAR O NOVO DOGMA DA INFALLIBILIDADE

Não existe tal dogma novo. O concilio do Vaticano não inventou dogma algum; nada mais ha feito do que declarar que uma verdade, a qual tinha sido sempre acreditada pela verdadeira Igreja, não podia deixar de ser certa e por tanto dogmatica, muito mais porque essa verdade se funda-

va precisamente na Biblia. Os catholicos creem que Jesus Christo não podia enganar-os; ora como o mesmo Jesus Christo disse a S. Pedro:—hei rogado por ti para que tua fé não desfalleça» (Luc. 22, 32.)—confirma a teus irmãos na fé (Jbid); sabem que Jesus Christo, como Deus, não podia deixar de ser ouvido por seu Eterno Pae, e que portanto era impossivel que S. Pedro, assim confirmado na fé, errasse n'ella. Sabem mais que a verdadeira Igreja havia de ser perpetua, porque o mesmo Senhor disse: «Eu estarei com vosco até á consummação dos seculos» (Math. 28, 20) e por tanto esse privilegio alcançado para S. Pedro devia transmittir-se a seus successores. Por isso os catholicos *sempre* hão acatado as decisões dos Papas, em materia de *fé e moral* christãs, como oraculos infalliveis: aos que se tem apartado do ensino dos Papas *sempre* os catholicos os hão tido na conta de herejes. O dogma da *infallibilidade pontificia* não é pois um *dogma novo*; é a crença catholica desde o principio da Igreja, fundada na Biblia.

XVI

O PAPA NÃO DEIXA DE SER HOMEM, LOGO PODE PECCAR COMO OUTRO QUALQUER E MUITOS PÁPAS HÃO SIDO VICIOSOS

E quem disse que o Papa não é homem? Nós os catholicos por certo que não, ainda quando os protestantes lhe tenham chamado a Besta do Apocalipse.

Sabemos mui bem que o Papa pode peccar como homem, e até queremos conceder (salvas as apologias que a critica imparcial nos offerece, pois muito do que se ha dito e escripto contra varios Papas não passa de calumnias immundas e necedades ridiculas ou indignas) que tenha havido algum Papa que uma ou outra vez na vida tenha mostrado ser filho de geração corrupta.

Porém uma cousa é que os Papas possam peccar, e outra que Deus possa permittir que a verdadeira Igreja seja enganada por elles, no que diz respeito á fé e moral christãs.

Se isto fosse possivel, seria falsa a promessa de Jesus Christo «eu estarei com vosco até á consummação dos seculos» (Math. 28, 20) e as outras palavras do mesmo Redemptor: «Roguei por ti para que tua fé não desfalleça: Confirma a teus irmãos» (Luc. 22, 32).

XVII

NÃO OBSTANTE É CERTO QUE O PAPA SE ENGANA E SE TEM ENGANADO MUITAS VEZES

Muitas e muitissimas. Até podemos dizer que se pode enganar em todas as cousas, *menos em duas só*, a saber, na FÉ e na MORAL, que ensina como chefe da Igreja, porque isto repugnaria á Biblia que já citámos (Math. 28, 20), em que pezo aos senhores protestantes.

(Continúa).

PADRE RADEMAKER.

SECÇÃO LITTERARIA

A educação religiosa na familia e na escola.

I

Mães! A vós n'este instante um apello de consciencia. A vós, que tendes no coração thesouros inesgotaveis d'amor, que tendes recondito n'alma um grande segredo da vida social, e preso ao seio o futuro da humanidade; a vós que sabeis amar e soffrer e chorar lagrimas que são mysterioso pranto, e prantos que são poemas do Eterno; a vós, ó mães, um gemido que possa ouvir!

Ancioso ai d'uma angustia immensa, desprendido á beira de medonho pego! Olhar supplicante, amortecido, quasi embaciado; olhar que é prece na lucta da vida com a morte, olhar que é para ti, mulher!

Oh! mães! n'este momento o vosso carinho vale tudo quanto o mundo tem maior e mais doce, poderoso e mais santo, precioso e mais util!

São vossos filhos, vulnerados de morte na estrada pela adaga envenenada dos saltadores da fé, que vos imploram para o golpe gotejante de fervido e puro sangue, os desvellos do vosso ser, e os balsamos do vosso amor.

Conhegai-os ao seio, aquecei-os com o vosso alito, entregai-lhes n'um beijo ardente a alma immensa de um amor que é mais que um mundo, sentimento indefinido, consubstanciado de divina essencia, no mysterioso ser da mulher-mãe; vede que vos olham e sorriem, e consente, se podeis, ó mães, que a mão sacrilega de uma sciencia belluina vos arranque dos braços, e os sepulte na lama esses angelicos penhores de vossas ridentes aspirações, essas dadivas celestes, para lhes endurecer o coração na bigorna onde se hatem as laminas dos punhaos; e amanhã, ó mães, entre ondas de fogo, fumo e sangue, ouvi vociferar blasphemias sobre cada veres aos montões na encrusilhada das ruas, sem que sintaes o remorso, como um anel de ferro vincular o vosso destino a uma saudade eterna, condenado pelas maldições da propria consciencia!

E' sublime a tua missão, mulher! Tendes nas mãos o futuro, ó mães! presa aos vossos labios uma palavra de esperança; sois a alma das sociedades vindouras! Sois a seiva, a vida d'aquellas tenras vergonzeas: não lhes dará vigor o rocio das auras, se um raio vivificador das eternas verdades, que sabeis e sentis, não sobre-dou-rar o berço onde embalaes essas porções da vossa existencia, ao som de um cantico, suave e meigo, que lhes ensineis em nome do Senhor!

A paz do lar vacila nos fundamentos, como a arvore secular, que o machado assolador fende na raiz mais profunda.

Não o sentes, mulher?—Não o advinhas, ó mãe?

Cá fóra ruga a tempestade, como o leão quando sacode a juba antes de arremetter o cordeiro inoffensivo.

Se essa tempestade chegar até vós ha-

de derribar a cruz que pende á cabeceira do thalamo, e fazer expirar em vossos labios o nome de Deus, para que o não sogledeis á alma que alimentaes.

A tempestade chama-se revolução. No imperio d'esta, Deus chama-se sciencia, a Cruz é poste de patibulos, o crime mascara-se de liberdade, e a devassidão toma o nome pomposo de progresso!

Decorai com horror estes nomes, ó mães, e se um dia a vaga d'osso oceano revolto arrastar vossos filhos, confiai no ecco da vossa palavra educadora, que incessantemente ha-de repercutir-se para lhes recordar ainda á alma o verbo de Deus que lhes ensinastes. Então elles vos hão-de bem-dizer agradecidos sobre a taboa de salvação, que a virtude e a fé lhes hão-de deparar no naufragio medonho.

II

Seja em nome de Brama, ou Budha, Moisés, Jesus, ou Mahomét, não ha sociedade possivel sem religião.

A sciencia de todos os tempos chamoulhe acertadamente a alma das sociedades, como a moral é o elo sagrado das familias.

Arrancai do coração dos povos o sentimento religioso, e os homens serão feras, embora sejam genios em todas as sciencias. Ensinai a astronomia, não fareis um Deus, ensinai a chimica não descobrireis um santo, fazei um codigo não sereis um Christo, philosophai, e haveis de errar sempre.

A religião é simultaneamente a crença, o sentimento e a fé. A sciencia é luz que encaminha ao progresso, e a religião é a base em que elle pôde assentar ossos fundamentos, duraveis e indiluidos. O embate das ideias pode produzir os clarões da razão, como o encontro da electricidade produz a centelha; porém essa luz será fugitiva se o sentimento não dêr vida á alma. A sciencia move-se no turbilhão das paixões, pôde prevaricar pelo erro das doutrinas, pôde matar pelos desvios do entendimento viciado; a religião, nasce como um instinto no coração do homem; vem de Deus, como a alma; alimenta-se pela educação, tem por berço o seio materno, e por horizonte o mundo e o Céu.

E' este um sentimento innato entre todos os povos do mundo, quaesquer que sejam as suas crenças.

Em Portugal, onde nos ultimos annos formigam ridiculas philosophias de um socialismo vão, tendo por base a insabidade e a imbecilidade podantescas, e a auzencia da educação na familia, surge agora na associação revolucionaria, na imprensa e nos bofetinhos, uma pleiade de *reformadores*, no proposito de *suprimir nas escolas o ensino da doutrina christã!* Depois de desmoralizada a familia, de desleixada a educação e do prevertidos os costumes, é esta a ultima demão do *progresso* sociologico na obra nefanda da dissolução!

Portugal vai, pois, nó movimento revolucionario, por uma absurda excentricidade, além dos marcos com que em outros paizes a revolução delimitou seus desvarios. Não querem Portugal um paiz de crentes, preferem uma nação de sabios, embora

possa tambem vir a ser um povo de bandidos.

E chamam-se liberaes estes vermes scientificos, que medram na podridão!

Para adquirir a sciencia, não basta que ella exista nas escolas, e que se transmita no ensino; carece-se para a receber de intelligencia e vontade de trabalho e zelo. Pois bem, dizei, aquelle a quem a natureza recusar o intellecto, a quem a falta de educação lançar na ociosidade, que papel representará entre os outros homens, se não tem nem a cultura da razão, nem a educação da alma? Será um bruto, embora por coherencia com os vossos principios haja de partilhar dos direitos que tem á vossa egualdade e á vossa fraternidade. Ou tereis de ser inconsequentes ou injustos.

Mas quereis escolas e mais escolas sob a vossa direcção e *sómente* com a vossa sciencia! Para isto legislaes a instrucção obrigatoria em nome do vosso zelo de progresso! Outra incoherencia. Que é dos vossos principios de liberdade que n'este momento estão em opposição com o vosso modo de progredir? Buscaes educar a intelligencia para fazerdes homens livres, e impondes a vossa sciencia sob o jugo de uma aprendizagem obrigatoria? Quereis livres pensadores, e fugis captivos pelas vossas leis? Obrigaes os pais a alimentar o corpo dos filhos, e roubaes-lhes violentamente o direito de lhes educar o espirito? Proclamaes a liberdade dos cultos, e obrigaes os pais catholicos a confiarem os filhos á educação dos mestres do atheismo, a quem entregaes as escolas?

São insensatas a vossa liberdade, as vossas escolas, as vossas leis e a vossa sciencia!

Mas venham as escolas, e substitua-se o cathecismo pelo jornal de 10 réis, a educação religiosa pela educação revolucionaria, Christo por Voltaire, a Igreja pelo lupanar, os fumos do incenso pelas ondulações do cachimbo, como se substituiu já o recolhimento dos claustros pela vadiagem das praças e dos bordeis, os templos pelos theatros onde se cantam missas, ao passo que nas Igrejas se cantam operas!

A França foi o berço da revolução, mas a revolução não é ainda a França. O paiz que a revolução, no resto da Europa tomou por modelo depois da hecatombe de 1793, viveu sempre, desde seculos, progrediu, floresceu, cobriu-se de gloria, illuminou-se pelas sciencias até 1833, sem que aquella data houvesse ainda uma escola primaria sob a responsabilidade dos municipios. A França pensante, recusou até então, e até hoje o ensino obrigatorio. A educação religiosa sob a direcção da familia no lar, e do clero catholico nas escolas, não obstruiu nunca o caminho da civilização n'aquelle paiz, que tem ensinado o mundo inteiro. Napoleão I levou aos confins da Europa a fama do seu nome, o terror da sua espada, o prestigio do seu talento, o dominio da sua politica; Napoleão I creou a *Universidade de França*, mas o grande genio das batalhas, nem com a espada nem com os seus triumphos, conseguiu pôr á sombra dos seus laureis as escolas, que a revolução pretende transformar em quartéis de reserva dos soldados da anarchia. Mr. Duruy, quando ministro, secundou os esforços do maior vul-

to revolucionario do seculo, mas a França respondeu-lhe com um hymno de fé e de patriotismo!

Na Austria o ensino está a cargo dos municipios, mas as escolas são independentes, a escolha das familias, e sob a direcção de um sacerdote da religião respectiva. E' vedado por lei aos pais ensinar seus filhos, mas entregues aos ministros da sua religião, nenhum receio fica, nem para elles nem para a sociedade sobre a educação moral que recebem. E' o ensino religioso acompanhando o ensino scientifico.

Na Suecia e na Dinamarca espera-se que até á idade de 7 annos as creanças hajam recebido de seus paes a educação religiosa, para serem admittidos (de 7 a 14 annos na Suecia, e de 7 a 15 na Dinamarca) nas escolas a cargo dos municipios. Apesar d'isto é nomeada pela auctoridade uma commissão, da qual faz parte um padre, para velar pelo mais conveniente ensino moral e religioso.

Na Suissa, n'esse paiz que os liberaes tanto invocam, depois de 1848, termo do *Sonderbund*, o regimen liberal, longe de preterir o ensino catholico, protegeu-o, tirando ás escolas protestantes a grandissima superioridade que tinham. As municipalidades sustentam as escolas, mas nomeiam commissões locais, compostas de chefes de familia, que velam pelo ensino, sob a influencia das suas respectivas Igrejas.—Assim um paiz democrata por excellencia, respeitando as creanças de todos, protege a educação dos crentes das diversas religiões, como garantia indispensavel da moral e da paz, do progresso e da liberdade.

Na Turquia são permittidas as escolas aos diversos cultos; o que se não permite é o desleixo paterno pela educação moral dos filhos, seja qual for a religião que professem. D'esta arte são obrigados os chefes de familia a apresentar seus filhos ao chefe do *moukhtar* para fazer inscrever seus nomes nos registos do *mekteb* (escola primaria), e os filhos a frequental-o quando não provem que recebem na casa paterna e sob a vigilancia de seus pais, educação religiosa e intellectual. D'aqui, não só se deprehende a preferencia que n'aquelle paiz se dá ao ensino domestico, como mais escrupuloso pela moral e pelos costumes, como a utilidade de tal systema sobre o de outros paizes, attendendo-se a que a população da Turquia, segundo se lê em *Henschling* tem instrucção primaria na proporção de 95 por cento dos seus habitantes.

BERNARDINO J. DE SENNA FREITAS.

(Conclue).

DOROTHÉA E THEOPHILO OU OS DESPOSADOS DO CÉO

(ROMANCE)

(Continuado do n.º 14)

N'este momento, como Ephrem e Fabricio, entrando, levantassem o reposteiro, ouviu-se grande alarido e vocifera-

ções horriveis vindas da rua. Em pouco a algazarra augmentou, e no meio dos gritos da multidão desenfreada, distinguiram-se estas palavras:

—Fóra os impios! Que elle sacrifique ou morra!

A velha escrava empallideceu, em quanto que Theophilo com aquella cruel vivacidade que ia tão bem ao caracter da brilhante mocidade romana, exclamou applaudindo:

—São os impios que vão ao supplicio! Vinde, minha amada, vinde vel-os!

E contra a vontade de Dorothea, que tremia toda, arrastou-a até á porta.

Eram, com effeito, dous christãos que voltavam da tortura para a prisão:—um velho venerando e uma loura donzella de dezoito annos, cuja belleza se escondia sob a pallidez da agonia e sob o sangue, que lhe corria das feridas entreabertas. Seu delicado pescoço ia inclinado e magoado por uma corda feita de folhas de palmeira torcidas, em cujas extremidades seguravam dous guardas. Exhausta de forças, mal podendo ter-se do pé, tinha-lhe sido forçoso parar. O velho, apezar das cadêas que lhe algemavam os punhos, servia-lhe de arrimo com seu corpo tambem extenuado, e os seus conductores, forçados a retardar a marcha d'este triste cortejo, por causa da multidão que se acercava das victimas ao pé d'uma estatua imponente de Cybelle, juntavam suas aggressões brutaes ás imprecações da turba enfurecida.

Dorothea lançou sobre este grupo um olhar furtivo cheio de horror e do desgosto. Quando viu as feições da joven christã, estremeceu toda, e sem pensar em Fabricio, que estava a seu lado, nem nas outras testemunhas d'esta scena, rompeu por entre a multidão e foi lançar-se nos braços da santa martyr, chamando-a pelos nomes mais ternos e inundando-lhe de lagrimas as mãos esmigalhadas pelo cavallete.

—Julitta! minha companheira, minha amiga! Pois és tu que vaes a morrer!

—Sim; lhe respondeu a joven martyr, com voz desfallecida, sou eu que vou morrer pelo nome de Christo. Não chores por mim, Dorothea! Não será uma felicidade morrer-se por aquelle que se ama? Adeus, minha irmã. Vou celebrar as minhas nupcias no céo. Oh! se tu conhecesses toda a doçura das nupcias divinas!

—Tu! morrer! exclamou Dorothea, levantando subitamente a cabeça com todo o impulso da sua natureza energica e vigorosa. E' impossivel! Elles não terão a crueldade de te arrancarem dos meus braços!

Em seguida, voltando-se para os guardas:

—Aonde a conduzis? lhes perguntou.

—Ao supplicio.

—A gloria! murmurou lentamente a santa, levantando seus bellos olhos ao céo.

—Fabricio, disse Dorothea, caindo aos pés do governador, vos não permittireis tal. Não entregareis ás feras a minha amiga da infancia, aquella que eu amo como irmã! Fabricio, sois bom e justo. De joelhos vos imploro. Ai de mim! Que crime é o d'esta doce creatura?

—E' christã, respondeu lentamente Fabricio, com uma severidade que repellia

novas instancias. Nada posso em seu favor. Sacrifique ella aos deuses e viverá!

Dorothea voltou banhada em lagrimas para a sua amiga, e angustiada deixou cair sua cabeça sobre os joelhos da santa martyr. Ella bem conhecia, pelas vivas pulsações de seu coração, que era cobardia o que exigiam de Julitta em troca da vida, e não ousava portanto implorar da sua amizade tamanho sacrificio.

A multidão emmudecera. O povo romano embotado nos espectaculos dos circos e das arenas, não o era agora nas scenas do genero d'esta. Os combates dos gladiadores tinham-lhe esgotado todas as emoções physicas; mas a lucta das paixões mais elevadas com os instinctos da natureza, estes dramas generosos que o christianismo só offerencia, eram um espectáculo novo que começava a inspirar-lhe um interesse pungente, o que era um incentivo de mais talvez para essa raiva de perseguição que o atormentava.

De repente Dorothea levanta sua linda face desolada para a joven victima, que lhe sorria enternecida, mas não abalada.

—Escuta, lhe disse em tom supplicante. Tu podés ainda salvar essa vida que me é tão cara. Jura sómente pela felicidade de Cesar. Oh! jura!

A martyr meneou a cabeça e disse:

—Para que prolongar por algumas horas mais a minha agonia que começa? Queres tu fechar-me o céo que vejo aberto? O que me pedes, Dorothea, é indigno da nossa amizade. Deus te perdoe—acrescentou beijando-lhe maternalmente a face, como se fora já sua patrona celeste—porque não sabes o que fazes. Mas retira-te. As minhas dores apagaram o riso de teus labios, e o teu vestido de noiva está todo salpicado de sangue. Adeus, Dorothea, volta para teu pae, para teu esposo, e sé feliz.

Mas Dorothea não se levantava, e cada vez mais estreitava em seus braços a virgem martyr.

Nos olhos de Julitta brilharam lagrimas de piedade e de ternura. Seu rosto illuminou-se d'um fogo celeste. Como inspirada, tomou em suas mãos carregadas de cadêas a cabeça de Dorothea, e levantando os olhos ao céo, exclamou:

—O' Christo! Esta filha tambem é digna de soffrer por ti. Senhor, ella é bella e pura de mais para ser dada aos homens. Fazei d'ella tambem uma victima d'esse fogo sagrado, que nos devora logo que te conhecemos e amamos. Minha irmã,—disse, passando para o dedo de Dorothea um anel que acabava de molhar em seu sangue—toma este logado da minha amizade. Que elle seja o anel dos teus eternos desposorios! Dorothea, é bello o teu noivo; mas no céo um ha mais bello ainda. As affeições humanas passam, mas o seu amor não tem fim. Adeus, minha irmã! Espera e escuta: elle virá e fará que a sua voz penetre no teu coração. Adeus...

As ultimas palavras da santa foram abafadas pelos murmurios da multidão, em quem o odio do nome christão fizera calar a piedade. Fabricio embarçado e inquieto pelas consequencias d'esta scena, rompeu a situação com uma ordem:

—Retirem d'aqui quanto antes essa insensata, gritou elle brutalmente, e áma-

nhã conduzam ao amphitheatro todos os christãos que se acharem nas prisões.

E dizendo isto avançou com Theophilo para tomar o braço de Dorothea, em quanto que os guardas se preparavam para continuar seu caminho.

—Perdão! Perdão! exclamava ainda Dorothea, torcendo as mãos, a quem Theophilo e Pamphila em vão tentava levar para casa.

Finalmente caiu-lhes desmaiada nos braços, em quanto que a virgem martyr, afastando-se, lhe enviava um longo adeus, harmonioso já como um cantico celeste.

Quando abriu os olhos já a santa não estava com ella. Dorothea via-se nos braços de seu pae e de sua ama. Theophilo estava a seus pés cobrindo-lh'os de lagrimas e de beijos. Mas ella insensível a tudo e como que arrebatada em extasis, parecia procurar em torno de si uma visão desaparecida.

—Dorothea, exclamava Theophilo com desesperação, eu sou o teu esposo. o teu amigo! Não me conheces? Minha bem amada, falla-me como me fallavas outr'ora! O' céo! tu não me ouves!

—Dorothea, dizia Pamphila, já nao amas Theophilo?

—Eu amo o Christo; respondeu a donzella.

—Deuses immortaes! exclamou o pobre pae, minha filha perdeu a razão! Minha filha está louca!

Dorothea endireitou o corpo: pallida, tendo no rosto a serenidade dos martyres e nos labios a alizez dos confesores, disse:

—Não estou louca. Sou christã, e já me entreguei ao Deus de Julitta.

Durante aquelle curto somno um esposo, que não era d'este mundo, tinha-lhe arrebatado o coração.

II

No dia seguinte muito cedo, o povo de Cesarea corria em multidão para o largo circo, construido à imitação do Coliseu de Roma, e invadia as immensas bancadas de pedra, que circumdavam o amphitheatro, levando cada qual na mão o numero que designava o seu logar. Quando todos estavam reunidos, entrou o governador Fabricio, segundo o costume, no seu camarote, que ficava ao este do amphitheatro. Perto d'elle, em um logar de honra, via-se, assentada junto de seu pae e do sobrinho do governador, Dorothea que pela sua pallidez e belleza, prendia a attenção de todos. Ella deixara carregar-se, collo, braços e hombros de todas as perolas orientaes de que seu pae lhe havia enchido o cofre; mas seu bello rosto desdenhoso parecia sacudir a todo o momento, como um jugo estranho, esses ornatos indignos d'uma nova serva de Christo. Tinha já, sem o saber, o véo invisível d'aquella pudicicia ineffavel que só se encontrava nas virgens christãs. indifferente a tudo o que se passava na sua presença, nem respondia aos ternos carinhos de Theophilo e de Ephrem. Parecia antes esperar o signal d'um sacrificio, que d'uma festa.

Um gladiador appareceu na arena, segundo a forma consagrada aos jogos, tão somente para excitar a multidão a esse ap-

petite de sangue e carnificina, que no povo romano não tardava em chegar a um verdadeiro estado de embriaguez. O touro era por acaso um animal benevolo, que, vendo não ser n'esse dia o objecto da curiosidade publica, desdenhou dar-se em espectáculo a essa gente que não tinha ido ali por sua causa. Contentou-se com fazer rolar o seu adversario d'uma a outra extremidade da arena, e depois estendeu-se pacificamente sobre a areia, o que pôz de bom humor a todos os assistentes, cuja pateada pôz fim a esta scena indigna de divertir o povo-rei por mais de cinco minutos.

A multidão estava sedenta do sangue dos confesores. Chamava-os com gritos que pareciam rugidos de feras. Ao seu signal ordinario, retirou-se o gladiador e os christãos foram introduzidos.

Eles entraram na arena em silencio, entre duas filas de Venatores, — uns mutilados pela tortura, outros desfallecidos pela fome e pela odiosa habitação das prisões. O velho, que já conhecemos, e Julitta fechavam esta gloriosa procissão funebre. Julitta estava moribunda, e dir-se-hia que sua alma de heroe não queria deixar aquelle corpo de virgem, sem que o tivessem marcado os dentes das pantheras, para mais glorioso apparecer deante do celeste Juiz. A ordem do combate foi invertida em consideração a Julitta. O povo não queria que esta victima morresse sem combater.

Julitta foi a primeira lançada ás feras. Antes de se entregar à rede que devia envolver seu delicado corpo, todo martyrisado e ensanguentado, passou por deante de seus irmãos, que a saudaram já como uma escolhida. Depois lançou um longo olhar de despedida para Dorothea que, immovel e pallida, fixava a arena d'um modo estranho. Que mysterioso dialogo se trocou entre as duas donzellas n'aquelle supremo olhar? Souberam-n'o Deus e os anjos.

Ao mesmo tempo que Julitta, iam ser sacrificados tres jovens christãos, condemnados a serem amarrados, junctos, a um poste e entregues sem defeza aos ferozes animaes que se iam soltar na arena. Tudo estava preparado. A um signal do governador surgiu da terra uma jaula, segundo o processo usado no proprio Coliseu de Roma. Suas portas iam abrir-se para dar sahida a um tigre da Numidia, de cujos olhos terribes pareciam sair jactos de sangue e de fogo. A multidão palpitante esperava, olhos fitos, respiração suspensa, o primeiro pulo do animal, quando de repente, no meio d'este horrivel silencio, se ouviu uma voz. Em frente mesmo da cadeira de Fabricio estava de pé um homem, que parecia um espectro de cenobita evocado aos desertos da penitencia para annunciar aos pagãos os castigos do céo irritado. O povo distraído, por esta apparição, do drama que o tinha suspenso, em vão procurou reconhecer esse homem, e um surdo murmúrio de reprimidos furores e de ameaças começou a circular pelas bancadas.

(Continua)

O clero na camara dos deputados

**Discurso de s. exc.^a rev.^{ma}
o sr. dr. Pires de Lima,
governador do bispado de
Aveiro,
na sessão de 14 de maio**

O sr. ministro da marinha, por motivos que eu e toda a camara deploramos, não está presente a esta sessão. *(Apoiados.)*

Mas eu creio que o assumpto de que se trata não pôde considerar-se como insignificante e de somenos importancia, e que deva ser discutido na ausencia de s. ex.^a

Os objectos a que se refere o orçamento da marinha e ultramar são de tal modo importantes e têm sido tão descuidados pelos poderes publicos d'esta terra, que eu entendo que a discussão d'este orçamento, sobretudo no que respeita ao ultramar, deve ser muito longa, muito demorada e muito pausada; tanto, ou mais ainda, do que foi a do orçamento do ministerio da guerra. *(Apoiados.)*

Julgo por isso que esta discussão, apesar da muita intelligencia e dos muitos conhecimentos dos srs. ministros que estão presentes, não pode correr com a regularidade necessaria, sem que esteja presente o sr. Tomaz Ribeiro, e por isso eu ousou propor á camara, que, adiando a discussão do orçamento da marinha e ultramar, aguarde o restabelecimento e a vinda do sr. Thomaz Ribeiro, aproveitando entretanto o tempo para tratar dos orçamentos dos dois ministerios que faltam, o dos estrangeiros e das obras publicas.

Mas se, porventura, a camara, contra a minha expectativa, não approvar esta proposta de todo o ponto razoavel, desde já peço a v. ex.^a que me inscreva novamente para tomar parte na discussão do orçamento do ministerio da marinha e ultramar, porque sobre elle tenho muito e muito que dizer.

Não insisto na minha proposta, não porque esteja convencido de que ella não seja razoavel, mas porque depois de ouvir o sr. ministro dos negocios estrangeiros, me convenci que seria inutil, completamente inutil, qualquer insistencia. A maioria, de certo, rejeitava o adiamento.

Não pretendia eu que se suspendesse o andamento dos negocios publicos por estar enfermo um membro do gabinete, mas não via nem vejo inconveniente em se discutir primeiro o orçamento do ministerio das obras publicas, ou o dos estrangeiros, e depois, quando esteja presente o ministro competente, o da marinha e ultramar.

Disse o sr. ministro dos negocios estrangeiros que, por enquanto, não se trata da discussão especial do orçamento do ultramar: sei muito bem de que se trata. Trata-se do orçamento do ministerio da marinha e ultramar, e durante esta discussão pôde tratar-se da questão geral do ultramar, como se faz em toda a parte do mundo.

Sei que ha orçamento especial do ultramar, e por signal foi o sr. Corvo dos

poucos ministros que ha submettido esse documento ao exame e approvação do parlamento. A minha memoria deixa-me lembrar os factos parlamentares de 1873.

O snr. Thomaz Ribeiro apresentou tambem o orçamento especial do ultramar para o anno de 1879-1880, orçamento que ha de ter outra discussão n'esta casa, se a camara estiver aberta o tempo necessario para esse debate.

Uma discussão, porém, não tolhe nem prohibe a outra. Ambas são necessarias; cada uma tem indole e vantagens especiaes.

Em todas as nações adiantadas no systema constitucional, a discussão do orçamento não se limita a verificar a legalidade das verbas n'elle descriptas; vae mais longe. Em todos os paizes onde ha parlamento é escolhida a discussão do orçamento para os partidos discutirem as mais altas questões de administração, e não só as mais altas questões de administração, mas ainda as questões politicas de mais largo alcance. (Apoiados.) A Belgica, que nós estamos, aqui sempre a citar, ainda este anno nos deu o exemplo.

Mas se isto assim é, claro fica que, a proposito do capitulo 1.º do orçamento da marinha e ultramar, posso eu, e podem os meus collegas, discutir em geral todas as questões do ultramar. (Apoiados.)

Este é o meu pensar, e consoante com elle será o meu procedimento.

E desde já espero que v. ex.ª, snr. presidente, não m'o levará a mal. Tendo-o, não farei mais do que seguir o exemplo que me tem sido dado pelos meus collegas.

A proposito do ministerio do reino, não se discutiu largamente a questão da instrucção publica?

A proposito do ministerio da guerra, não se discutiram innumerás questões de administração militar? (Apoiados.)

Logo, a proposito do capitulo 1.º do orçamento da marinha e ultramar, posso examinar o procedimento do governo da metropole na administração das colonias, em qualquer dos seus variadissimos ramos. Eu sei, repito, que ha um orçamento especial para os negocios do ultramar, mas, na discussão do orçamento geral, posso percorrer largamente sobre assumptos colonias, e por isso reputava e reputo necessaria a presença do sr. ministro da marinha e ultramar, porque o supponho mais versado, do que qualquer outro membro do gabinete, n'estes assumptos que todos os dias lhe correm pelas mãos.

Sei que o sr. ministro da marinha e ultramar está doente, mas creio que essa doença não se prolongará por largo espaço de tempo, e nós podiamos sem inconveniente algum, esperar que elle se restabelecesse do seu incommodo e viesse a esta casa.

Entretanto discutir-se-ia o orçamento dos outros ministerios, e se, concluída essa discussão, s. ex.ª não pudesse assistir ás sessões da camara por se achar ainda incommodado, então se entraria na discussão do orçamento do seu ministerio.

Não creio que seja grave a doença do sr. Thomaz Ribeiro. Se fosse, ter-se-ia apressado o nobre presidente do conselho a tomar as providencias necessarias, para a pasta do ultramar ser entregue interinamente a algum dos seus collegas, como

ainda ha pouco tempo aconteceu com a pasta do reino.

Não insisto na minha proposta, e direi só que, quando a apresentei, tive em vista ser agradável e dar uma prova de deferencia ao sr. Thomaz Ribeiro, cavalheiro que estimo e respeito.

Lembrando e propondo o adiamento, não tive, como não tenho agora, ideia alguma reservada.

E poder-se-ha considerar superior a toda a suspeita a impugnação que se fez á minha proposta? Acaso não se quererá aproveitar esta occasião para se discutir, sem que esteja presente o sr. Thomaz Ribeiro, uma questão relativa á pasta que este cavalheiro gere? Pois não se lembra já a camara do que aconteceu n'uma discussão importante, n'uma discussão politica, a discussão da Zambesia? Não parecia que havia empenho em arredar o sr. Thomaz Ribeiro d'esta casa? (Apoiados.)

O sr. presidente do conselho mandou-nos dizer:—por ora não dou licença que se trate d'esta questão; esperem; essa questão é verdade que pertence principalmente ao sr. Thomaz Ribeiro, mas quero lá ir ver como isso corre.

E a camara esperou, esperou e fartou-se de esperar, até que o sr. presidente do conselho se dignou vir, e só então o sr. Thomaz Ribeiro obteve licença para responder á interpegação annunciada pelo sr. Mariano do Carvalho.

E a interpegação durou muitos dias, e o sr. Thomaz Ribeiro só appareceu nos primeiros. (Apoiados.)

Se nos fosse licito julgar pelas apparencias, dir-se-ia que se receia que o sr. Thomaz Ribeiro appareça n'esta assemblea e que responda pelos actos do seu ministerio, o que não pôde em verdade ser muito lisonjeiro para este cavalheiro.

Queria ser mais ministerial do que os ministros, e do que a maioria, e por isso propuz que se adiasse esta discussão até que estivesse presente quem tom a responsabilidade directa d'este orçamento, e por elle pôde e deve responder.

Pois pôde haver da parte de algum medo que o sr. Thomaz Ribeiro, que dispõe de um talento tão brilhante, de recursos tão abundantes, comprometta o ministerio de que faz parte? (Apoiados.)

Queria, repito, dar uma prova de deferencia e consideração ao snr. Thomaz Ribeiro, ao qual tenho de me referir especialmente; desejava, além d'isso, que a discussão corresse com a regularidade devida, mas vejo que a camara, depois que fallou o sr. ministro dos estrangeiros, provavelmente não está muito disposta a approvar a minha proposta; portanto, desisto d'ella, e vou terminar já este incidente, para ouvir o snr. Corvo, que me parece ter pedido a palavra novamente.

Depois, faço tenção de fallar sobre o capitulo em discussão, e por isso peço a v. ex.ª que me inscreva outra vez.

Não puz em duvida os altos dotes do sr. Thomaz Ribeiro, antes fui o primeiro a prestar homenagem ao seu talento.

Não disse que o illustre ministro se esquivava a vir a esta casa responder

pelos seus actos; mas disse o repito, que me parecia, e me parece ainda, haver empenho da parte do governo e da parte da maioria, em o arredar d'esta assemblea. (Apoiados.)

E para aventar esta affirmativa não dei, nem preciso dar, largas aos vãos da phantasia; limitei-me apenas a apresentar factos que o sr. Corvo não contestou, nem pôde contestar. (Apoiados.)

Como se insiste, porém, em querer começar já na discussão do orçamento do ministerio da marinha e ultramar, entremos já n'essa discussão.

Pedi a palavra, e vou usar d'ella, para examinar qual ha sido o procedimento do governo para com as nossas possessões ultramarinas, especialmente no que respeita á administração ecclesiastica.

O assumpto que vou encetar não é, conheço-o, extremamente sympathico para o governo e para o parlamento.

E quando fallo do governo e do parlamento não me refiro apenas ao governo e ao parlamento actual, refiro-me a todos os governos e a todos os parlamentos que n'estes ultimos annos se têm succedido entre nos na gerencia da causa publica.

Em verdade, em geral, os poderes publicos entre nós, n'estes ultimos tempos, não têm tratado, não digo já com favor e consideração, mas nem ainda com justicia a classe ecclesiastica, á qual me houro de pertencer.

Esta minha affirmativa tem a sua confirmação plena nos factos, factos que são incontestaveis, factos que todos conhecem, factos, que ninguem creio eu, ousará sinceramente pôr em duvida.

Ha perto de quarenta annos foram fixadas pela lei as congruas parochiaes e desde então até hoje essas congruas, têm permanecido inalteraveis, visto como a legislação de 1839 e a de 1841, que creou este systema de remunerar os parochos, estatua, que ellas não se mudariam, emquanto não houvesse uma lei geral de dotação do clero.

No longo periodo de quarenta annos, alteraram-se profundamente as condições economicas do nosso paiz: a remuneração, porém, do clero parochial ha permanecido constantemente na mesma.

E' certo que uma e muitas vezes a lei da dotação do culto e clero tem sido annunciada pelo Rei na abertura das camaras, e promettida nos discursos dos ministros e nos artigos da imprensa ministerial; mas esse annuncio e essa promessa nunca até hoje passaram de palavras sonoras e de phrases elegantes. (Apoiados.)

E nos espiritos ainda os mais credulos existe hoje a convicção, e a convicção profunda de que tal lei ficará fatalmente adia-da para as kalendas gregas. (Apoiados.)

Mas ao passo que a remuneração do clero parochial tem permanecido estacionaria durante o longo periodo de quarenta annos, os governos e os parlamentos não se têm esquecido de augmentar os encargos e pôr á conta da responsabilidade dos parochos serviços pesados que, diga-se a verdade, são muitas vezes alheios á natureza do seu ministerio, e pelos quaes o parochos não recebe remuneração alguma. Assim o parochos tem muitas vezes que sair da sua

freguezia para ir á cabeça da comarca e do concelho, para tratar das operações do recenseamento eleitoral, do recrutamento, da pauta de jurados e de muitos outros serviços puramente civis.

Ainda ha pouco appareceu no «Diario do Governo» um documento referendado pelo sr. ministro da justiça, exigindo dos parochos mappas mensaes do movimento da população das suas freguezias, mappas minuciosos e complicados, e que demandam para ser convenientemente cneios, muito trabalho, muito cuidado e muito tempo.

Bem sei que este serviço imposto pelo illustre ministro da justiça não foi por s. ex.ª inventado. E' certo que já o proceitua-va o decreto de 2 de abril de 1862, mas o que é tambem certo é que n'esta parte o decreto era letra morta. E já que fallo no decreto de 2 de abril de 1862, notarei que elle augmentou consideravelmente o serviço parochial, sem que por esse augmento de trabalho concedesse remuneração alguma.

E' verdade que o concilio tridentino e as constituições diocesanas obrigavam já os parochos a fazer o registo parochial, mas não em duplicado como hoje acontece, e mais simples, menos complicado e menos extenso, do que o registo hoje exigido pela legislação vigente. Contudo ao clero, repito, não se dá remuneração alguma por este excesso de trabalho.

Mas se por um lado governos e parlamentos são solícitos e cuidadosos em augmentar os encargos parochiaes sem augmentar a remuneração, por outro não se esquecem de diminuir as prerogativas e as attribuições, e até cercear os direitos que os padres exerciam ainda ha pouco e deviam continuar a exercer. E d'isto encontramos nós farta prova em o novo código administrativo, approvedo pela lei de 6 de maio de 1878.

(Continúa.)

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

A Maçonaria e os Jesuitas

Em segunda edição acaba de sahir á luz em Guimarães, editada pelo sr. Teixeira de Freitas, que tão importantes serviços tem prestado ás boas lettras com as já numerosas publicações com que as tem dotado, a excellente *Instrução pastoral do bispo d'Olinda*, o linado D. Fr. Vital, sobre a *Maçonaria e os Jesuitas*. E' obra esta a todos os respeitos memoravel, e que, se outros testemunhos d'isso não soberram, seria esta por si só bastante a mostrar que D. Fr. Vital foi um verdadeiro apostolo e denodado e strenuo campeão do catholicismo, por cuja causa não duvidou soffrer as maiores perseguições.

Quantos como elle se contarão no episcopado romano?! *Homens d'um só rosto e d'uma só fé...*

Muito bem escripta a *Instrução pastoral sobre a maçonaria e os jesuitas*, é uma obra de combate, e arma formidavel brandida por pulso adestrado contra a maçonaria, sob o ponto de vista catholico, e nenhu-

ma obra moderna conhecemos de polemica religiosa que se lhe avante e poucas serão as que se lhe igualem. na certeza dos golpes, força dos argumentos e deducções logicas das conclusões quasi sempre feridas' colhidas e tiradas com as proprias armas' do arsenal dos contrarios.

O ter-se em pouco tempo esgotado a 1.ª edição portugueza d'esta obra e tornado preciza uma 2.ª, bem mostra a sua importancia e quão excellentemente acolhida.

Constitue elle um volume de 294 paginas, e o seu custo é de 500.

Vende-se na livraria editora do sr. Teixeira de Freitas, Guimarães e nas principaes livrarias.

R. VELLOSO.

(Da «Aurora do Cavado»).

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARY:—*A cidade do Funchal em festa, e chegada do exc.º e rev.º sr. arcebispo de Goa.—A imposição do barrete cardinalicio ao Eminentissimo Cardinal Bispo do Porto; discursos do ablegado de S. S. e de s. em.ª; trajecto através da diocese, e entrada no Porto.—Uma gloria de Guimarães no seculo XII.—As palavras com que saudamos o Mez de Maria, echoando em Valencia.—A obra de Santa Infancia, o que vale.—Morte ao Clericalismo.—O Martyr do Golgotha.—As Tres Rosas dos escolhidos.—Historia Universal de Cesar Cantú.—Jornal de Viagens.—Duas publicações de que fallaremos.*

No dia 22 do mez passado a cidade do Funchal despertava alegre e trajava as suas mais vistosas galas para esperar um filho seu, ornamento da Igreja Catholica, gloria do Episcopado portuguez, o exc.º sr. D. Ayres d'Ornellas, Arcebispo de Goa.

Ainda que tenhamos de retirar parte da materia que para este numero destinavamos, não pode o nosso animo resistir ao desejo de transcrever da «Verdade», nosso collega do Funchal, a descripção que faz das festas, com que um povo, ébrio de alegria, recebeu o venerando Primaz do Oriente.

Damos a palavra á «Verdade»:

«Logo que n'esta terra se espalhou a agradável noticia de que o ex.º e rev.º sr. D. Ayres d'Ornellas e Vasconcellos, Arcebispo de Goa vinha passar alguns mezes na sua patria, foi geral o entusiasmo n'esta cidade e a commissão que promoveu os festejos da sua chegada a esta ilha quando s. exc.ª fôra sagrado Bispo coadjutor da Sé do Funchal, tractou de constituir-se novamente e recompôr-se, para preparar a s. exc.ª uma recepção brilhante na sua patria.

Pouco tempo mediou entre a recepção da noticia definitiva e a vinda de s. exc.ª,

porque aquella apenas chegou na terça-feira, 20 do corrente, quando s. exc.ª embarcou no paquete «Luzo»; não obstante esse curto espaço de tempo foram taes os esforços da commissão e tão grande a boa vontade dos que contribuíram para estas festas, que cedo se apromptou tudo.

Tractou-se logo de fazer um caes provisorio na entrada da cidade, sendo encarregado d'esse trabalho o digno e habil membro da commissão, o sr. Candido Henriques de Freitas, que com muito bom exito pode em tão pouco tempo preparar tudo do melhor modo possivel. O caes estava todo atapelado e guarnecido com flôres, levantando-se de espaço a espaço mastros com bandeiras de diferentes nações.

As ruas do transitio, desde o caes até á casa do exc.º Par do Reino o sr. Agostinho d'Ornellas, residencia do exc.º e rev.º sr. Arcebispo de Gôa, estavam ornadas de bandeiras, flôres, alegria-campos e louros; a fachada da Sé e a Praça da Constituição achavam-se illuminadas, apresentando uma linda vista o frontispicio da Cathedral. A direcção d'esto trabalho foi incumbido ao zeloso e activo membro da commissão o sr. Jaaquim Machado, sendo auxiliado por alguns dos seus collegas. A porta da residencia do illustre Arcebispo via-se um arco com quatro faces, feito de buxo e ornado de balões e vidros de cores, que faziam bonito effeito depois de accessos.

Na quinta-feira 22 do corrente de tarde, as ruas do transitio, á entrada da cidade e a praia estavam cheias de povo, que corria pressuroso ao logar do desembarque com a alegria pintada no rosto; todos queriam ver e admirar o seu conterraneo, o digno filho d'esta terra que com tanto amor e caridade dirigiu os destinos d'esta diocese desde 1871 até os fins de 1874, e onde fôra sacerdote exemplar e illustrado professor douto e digno membro do corpo capitular; todos queriam contemplar as suas nobres feições e ver o seu semblante sympathico: todos queriam justificar com demonstrações espontaneas a despedida tocante que tivera s. exc.ª rev.º no dia 21 de janeiro de 1875 quando deixou esta terra para ir apascentar novo rebanho nas plagas do Oriente.

Essa despedida correspondeu á sua primeira entrada n'esta Diocese; era natural que na sua visita por esta occasião fossem eguas as demonstrações, porque tinham as mesmas fontes: a sympathia, o amor, a gratidão e a admiração pela virtude!

Estes triumphos do sr. D. Ayres são uma prova de que os bons prelados da Igreja merecem a estima dos povos e que entre os filhos benemeritos de uma terra nenhuns são mais queridos e estimados d'ella do que aquelles que se alistam no sacerdocio e sabem cumprir os seus deveres.

Installada a commissão dos festejos, dirigiu-se uma deputação composta de tres dos seus vogaes ao sr. Bispo Diocesano para lhe participarem que tencionavam preparar ao sr. D. Ayres d'Ornellas uma recepção brilhante; s. exc.ª rev.º acolheu com satisfação aquella ideia e declarou logo que tencionava ir a bordo do paquete em que viesse o sr. Arcebispo Primaz, para o cumprimentar e acompanhar no desembarque, dando-lhe assim uma prova de con-

sideração e estima, porém que só o não faria se o desembarque tivesse lugar a horas incompatíveis com as já determinadas para o cumprimento dos seus deveres religiosos.

Tendo o «Luzo» ancorado na occasião em que iam começar a devoção do jubileu, os membros da commissão, desejando remover todas as difficuldades, para que o sr. Bispo do Funchal cumprisse os seus desejos e ao sr. Arcebispo de Goa não faltasse aquella não pequena prova de consideração e estima no seu regresso á patria, tractaram de fazer logo saber ao sr. Arcebispo os desejos do seu collega, pedindo-lhe ao mesmo tempo que tivesse a paciencia de demorar-se a bordo até que terminassem as devoções do jubileu, ao que s. exc.ª rev.ª acceitou de bom grado, mostrando-se penhoradissimo por tão distincta fineza da parte do seu irmão no episcopado. Terminadas todas as devoções a que devia assistir o Prelado Diocesano, seriam seis horas e meia da tarde s. exc.ª rev.ª vestido de capa vitoria, dirigiu-se ao caes acompanhado dos rev.ªs srs. conego Custodio de Moraes e Brito, Decano do Corpo capitular e padre Luiz Neves, secretario particular do Prelado, bem como dos exc.ªs srs. visconde da Calçada, commendadores dr. João de Freitas da Silva, dr. Alfredo de Freitas Leal e João Araujo Bettencurt Esmeraldo, e dos exc.ªs srs. dr. Nuno Ferreira Jardim, dr. João Baptista de Freitas Leal, membros da commissão dos festejos.

A bordo do escaler grande da alfandega esperava s. exc.ª rev.ª e a sua comitiva o exc.ª sr. director da alfandega. Chegado o escaler ao paquete «Luzo», s. exc.ª rev.ª o sr. Bispo do Funchal subiu á tolda e fez a cerimonia de descobrir a cruz peitoral do exc.ª sr. D. Ayres d'Ornellas e depois das felicitações e cumprimentos do estylo, desceram os dous Prelados com as suas respectivas comitivas e com os rev.ªs padres João Antonio de Caires e José Joaquim Ferreira, para o escaler que se dirigiu ao caes, onde se achava o exc.ª commandante da sub-divisão militar, e varios cavalheiros amigos do sr. D. Ayres, bem como os outros membros da commissão promotora dos festejos, que todos abraçaram s. exc.ª rev.ª. Logo que o sr. Arcebispo de Goa poz o pé em terra subiu ao ar uma grande girandola de foguetes e tocaram as musicas postadas no caes. Os dous prelados seguiram na frente caminhando entre grandes ondas do povo; chegados á cathedral entraram todos, fazendo s.ª exc.ª rev.ª curta oração na capella do Santissimo Sacramento. A fachada da cathedral já se achava illuminada e fazia então um lindo effeito. As ondas do povo augmentavam e o contentamento divisava-se em todos os semblantes. Na casa da residencia do sr. D. Ayres d'Ornellas estava a sua dignissima familia e muitas pessoas da sua amizade que ansiosas o esperavam; tendo podido romper a custo pelo meio da multidão compacta que o victoriava, o exc.ª sr. D. Ayres d'Ornellas entrou em casa com s. exc.ª o sr. Bispo Diocesano, e subindo todos com os membros da commissão e com muitas senhoras e cavalheiros d'esta cidade, o sr. commendador João Araujo de Bettencurt Esmeraldo, secretario da commissão dos fes-

tejos, leu com voz commovida uma pathetica felicitação.

Entregue esta por escripto ao illustre Primaz do Oriente, s. ex.ª, verdadeiramente commovido, agradeceu em termos muito lisongeiros para a commissão e para os habitantes d'esta cidade, as demonstrações de estima e affecto que lhe eram prestadas, alludindo á tocante despedida que tivera quando d'aqui sahio em 24 de janeiro de 1875; fallou do seu digno e illustre successor, o sr. D. Manoel Agostinho Barreto, actual Bispo d'esta Diocese e disse que quando antes de sahir da Madeira, no meio das lagrimas d'este povo, ojeellou na capella do SS. Sacramento, no lugar d'onde acabava de levantar-se para dar graças a Deus pela sua feliz chegada a esta terra, pedira então a Deus que desse a esta diocese um Bispo bom, zeloso e cheio de espirito catholico, que podesse emendar as suas faltas, e cumprir os ardentes desejos que sempre tivera de guiar este rebanho pelos caminhos da salvação e que felizmente o céu o ouvira e mandára a este povo o inapreciavel bem de um Bispo segundo o coração de Deus, que já no curto espaço de tempo que tem regido esta diocese bem tem mostrado o interesse e zelo que o anima pelo bem do seu rebanho, que é certamente merecedor de tão grande dom e mercê. O sr. Bispo diocesano commovidissimo já desde que ouviu lér a felicitação, derramou lagrimas de prazer e abraçados ambos aquelles dois principes da igreja davam expansão aos affectos e sentimentos que lhes moravam na alma. Quando o sr. Bispo do Funchal se despediu, o sr. D. Ayres acompanhou-o até a porta de sua casa dando-lhe novamente um apertado abraço, e mandou aos clerigos da sua comitiva que se encorporassem com os membros da commissão e os sacerdotes e povo que acompanhavam o Prelado ao paço episcopal, onde s. ex.ª bondosamente convidou todos a entrar, mostrando a sua alegria e contentamento.

Os membros da commissão dirigiram-se novamente a casa do sr. D. Ayres d'Ornellas onde estavam muitas senhoras e cavalheiros da amizade de s. ex.ª e de sua exm.ª familia, e pediram-lhe que se dignasse assistir a nm solemne *Te-Deum laudamus*, que devia celebra-se na cathedral no dia seguinte ao meio dia em acção de graças pelo feliz regresso de s. ex.ª rev.ª á sua patria.

Na sexta feira 23 do corrente, pelo meio dia s. ex.ª rev.ª o sr. Bispo diocesano, vestido de habitos prelaticios com murça e roquete, proseguiu para a residencia do sr. D. Ayres d'Ornellas, onde foi recebido por s. ex.ª rev.ª que se achava vestido de habitos eguaes, trazendo o montelete por baixo da murça, em signal de que estava em diocese estranha. Proseguiram ambos acompanhados dos membros da commissão, para a Sé, onde se achavam os exc.ªs srs. governador civil, Commandante da sub-divisão militar, Conde do Carvalhal, Conselheiro Ferreira Pestana, Administrador do Concelho, Secretario Geral, Commissario de Policia, Director da Alfandega e outras auctoridades, funcionarios publicos do districto, bem como muitos cavalheiros e senhoras, achando-se a igreja repleta de pessoas de todas as classes, apesar de ser dia de trabalho.

O sr. Bispo diocesano foi celebrante, acompanhado dos srs. conegos Brito, Faria e Filippe Nunes. A musica era muito bella e fazia muito bom effeito. Esta parte dos festejos foi incumbida ao sr. José Sarmento, membro da commissão, que desempenhou a sua missão muito bem. Depostos os paramentos do exm.º celebrante e seus assistentes, proseguiu o prestito na mesma ordem em que viera e o sr. D. Ayres foi acompanhar o seu collega ao paço episcopal onde se demorou algum tempo, agradecendo ao sr. Bispo todas as provas de amizade e deferencia que lhe tinha dispensado.

De tarde tocou a musica na Praça da Constituição, onde houve muita concorrência.

* * *

Poucos dias depois era a propria capital da monarchia que se engrinaldava, era o paço dos nossos reis que se vestia de gala para assistir á imposição do barrete cardinalicio a um membro do Episcopado portuguez, a quem a Santa Sé elevara á dignidade de Cardeal.

Dámos tambem a palavra a um jornal de Lisboa, para descrever aos nossos leitores tão imponente cerimonia realisada no dia 1 do corrente:

«A's 10 horas e um quarto da manhã sahio do palacet da sr.ª baroneza de Santos, mãe do novo cardeal, o cortejo, conduzindo o sr. D. Americo. Abria o cortejo o piquete de cavallaria com dous batedores na frente. Seguia-se uma carruagem particular com quatro abbades portuenses, representando o clero parochial da cidade do Porto, de cuja diocese é chefe o novo cardeal.

Seguiam os quatro coches da casa real; o primeiro a oito muares, e os outros a seis, ladeados pelos respectivos moços. Esses coches levavam os seguintes personagens:

1.º coche: Ablegado apostolico e Cardeal bispo do Porto.

2.º Secretario do Ablegado, secretario, o sr. conego Correia da Silva, e os dous capitulares da Sé do Porto.

3.º Guarda nobre, os tres irmãos do novo cardeal.

4.º Mordomo, o sr. Ribeiro; famulo o sr. Correia de Sá; capellão, o sr. Moreira Pinto, mestre de ceremonias, o sr. Leitão.

Fechava o cortejo o esquadrão de cavallaria 4.

As ruas do transito estavam cheias de povo.

O cortejo chegou á Ajuda ás 12 horas. Meia hora depois principiou a cerimonia. A igreja estava cheia de convidados e as tribunas ornadas de damas da corte. Em frente do templo fazia a guarda de honra infantaria 1. O sr. Ablegado leu a bulla em latim e fez o discurso na mesma lingua. O sr. Cardeal respondeu em portuguez.

No fim da cerimonia houve no paço um abundante «lunch» a mais de 300 pessoas. A principal cabeceira da meza sentou-se El-Rei, tendo á sua direita o novo Cardeal. Finda esta collação, o novo Cardeal foi cumprimentar S. M. a rainha, que

não assistiu por se achar incommodada. El-Rei comprimou depois a sr.ª Baroneza de Santos, mãe do novo Cardeal, e mais pessoas de sua familia alli presentes. Assistiram os principes, a côrte, todo o ministerio demissionario e o corpo diplomatico. Na solemnidade seguiu-se em tudo o programma.

O cortejo, reconduzindo a casa o novo Cardeal regressou á praça do Principe Real ás 5 horas da tarde. Esperavam o novo principe da Igreja o reitor e professorado do collegio dos inglezinhos e o superior dos irlandezes e mais ecclesiasticos d'essa corporação.

Era profunda e justa a alegria da familia do sr. D. Americo, por vê-lo ascendido a membro do sacro collegio, a uma dignidade tão cheia de esplendores e prerogativas que o colloca a par dos reis e acima dos principes não coroados.»

Damos em seguida a copia dos discursos a que acima fallamos, dous documentos assás honrosos para o Eminentissimo Cardeal Bispo do Porto, assim como para o paiz:

*Discurso de monsenhor Tripepi,
ablegado apostolico*

Senhor.—Foi servida a singular benevolencia de Sua Santidade de dar a mais ampla satisfação aos meus ardentissimos votos, encarregando-me da honrosa missão, que hoje cumpro, de apresentar a vossa magestade fidelissima, com as mais respeitadas felicitações, o barrete de purpura, insignia da dignidade cardinalicia, para que haja de ser imposto por vossa magestade, em nome do Summo Pontifice, na cabeça do illustre prelado portuguez D. Americo Ferreira dos Santos Silva, como condecoração dos seus grandes meritos.

Senhor: tudo n'este acto se me representa honra e jubilo: para mim, porque venho enviado por aquelle beatissimo padre, em quem reluz o nome, a sabedoria e as virtudes de Leão Magno; e para vossa magestade, que por tantos titulos illustres recebe esta prova singular de affecto paternal.

Acresce que foi para satisfazer aos piedosos desejos de vossa magestade fidelissima que o Summo Pontifice resolveu chamar para o collegio dos cardeaes aquelle varão que tanto se tem sabido distinguir por seu notavel zelo e doutrina.

E assim como é certo que elle com tanta diligencia se empenha em corresponder ao desejos do Supreme Chefe da Igreja Romana e á expectativa de vossa magestade fidelissima, e emprega os maiores cuidados para que os povos confiados á sua direcção persistam no caminho da justiça e cada vez mais se afervorem no amor e obediencia á Sé Apostolica; tambem não pôde duvidar-se que do acrescentamento d'esta nova e grandissima dignidade ao cargo, de que se acha revestido, resultará maior proveito e lustre para a Igreja e para o reino de Portugal.

Por isso me sinto possuido de extraordinario jubilo ao desempenhar a grata commissão de que fui incumbido, e conto

este dia como justa e verdadeiramente feliz para mim.

Dou portanto, os meus cordeaes parabens ao distinctissimo prelado eleito para o sacro collegio dos reverendissimos e eminentissimos cardeaes, e asseguro a vossa magestade fidelissima os protestos de todo o meu respeito.

Fazendo com o maior contentamento esta profissão, instantemente rogo a vossa magestade haja por bem aceitar com a benevolencia que tanto a distingue os sentimentos do meu reconhecimento, e usar da sua benignidade para commigo, dignando-se de acreditar no fervor dos votos com que peço a Deus que por dilatados annos conserve incolume e tranquilla a vida de vossa magestade fidelissima, a de sua magestade a piedosissima rainha, cuja preciosa saude com geral regosijo se acha de todo restabelecida, e a de toda a familia real, como o não mister a conservação e guarda da fé christã, a concordia entre o sacerdocio e o imperio, e o pedem os votos e o amor d'esta nação.

Discurso de s. em.º o cardeal bispo do Porto

Senhor.—Dignou-se o Summo Pontifice Leão XIII elevar-me a dignidade de cardeal da Santa Igreja Romana no consistorio ha pouco celebrado.

São tão insignes os dotes, tão relevantes os serviços dos que o supremo pastor da Igreja distinguiu com esta soberana consideração, que já é apontada tão acertada escolha como mais outro acto de sabedoria a acrescentar ads que no decurso de um anno tem assignalado o seu pontificado.

Sobejo motivo teria eu então para admirar attonito que o meu humilde nome fosse associado ao de varões tão benemeritos, se não soubera que foi vossa magestade quem lhe deu valor, e foram os desejos do rei fidelissimo que Sua Santidade quiz graciosamente satisfazer. E como se tanto ainda não bastasse, é agora vossa magestade que por suas proprias reaes mãos me impõe a insignia da purpura romana enviada pelo Santo Padre.

Senhor! N'este dia tão fausto, e que jámais poderei esquecer, seja-me permitido lançar as vistas ao passado, não por vaidade, que não cabe ella em peito agradecido, mas por gratidão e para testemunhar como, caminhando passo a passo, é a mão de vossa magestade que sinto e vejo, qual seguro amparo e guia, ora commettendo-me cargos uns após outros, ora accumulando honras e mercês, e sempre a engrandecer-me, sem que este modesto protegido possuia outro merito que não seja o de ter sido fiel ao bem facil dever da mais grata lealdade, nem outra ambição que não fosse a de bem servir a Igreja e o Estado.

Com a mais régia munificencia põe vossa magestade remate inapreciavel a tanta benevolencia, solicitando do chefe supremo da Igreja a eminente dignidade cardinalicia, que ao mesmo tempo que eleva o agraciado e lhe nobilita a familia, não menos exalta a diocese na pessoa do seu prelado.

Com o coração a trasbordar de reco-

nhcimento serei interprete dos sentimentos de todos, e muito especialmente dos meus diocesanos, aos quaes só Deus sabe quanta affeição consagro e de quantas finanças lhes sou devedor. Em tempo já vossa magestade os honrará emquanto infante, com o titulo da sua cidade, hoje concede-os promovendo a elevação do seu prelado á eminencia do cardinalado.

Digne-se vossa magestade aceitar e acolher benignamente estas tão singelas quão sinceras expressões de agradecimento, e permittir que, renovando louvores a Deus pelo restabelecimento de sua magestade a rainha, minha senhora, repita os protestos do mais arrisolido amor e inabalavel fidelidade que por mim, pelos meus e pelos portuenses me cabe a honra de apresentar a Vossa Magestade e a toda a familia real.—Americo, cardeal, bispo do Porto.

No dia 9 entrava no Porto, depois de haver caminhado, desde Estarreja, por entre o clero e povo que se curvava á sua passagem e lhe rendia respeitoso preito de obediencia filial, o novo Cardeal, onde encontrava todos os portuenses anciosos por lhe testemunhar por entre hymnos de festival alegria o contentamento que lhes ia na alma ao vêr entre si o seu Prelado, revestido com as insignias da mais alta dignidades da Igreja Catholica.

Eram perto de cem as carruagens que formavam o prestito de s. ex.º além de uma multidão enorme de povo.

Parabens ao Porto que assim sabe cumprir os deveres de filho da Igreja, e parabens tambem a Sua Eminencia a quem curvados reverenciamos.

Já que fallamos em cardeaes não devemos deixar de aqui archivar uma noticia que achamos em um periodico, devida ao aturado estudo do sr. Vilhena Barboza, e que honra sobremodo Guimarães, pois que se refere a um illustre filho seu. Eil-a:

«Relativamente á monarchia começam os factos do cardinalado portuguez no reinado de D. Sancho I. E logo avulta na primeira pagina um dos nomes que mais tem illustrado o proprio seio do sacro collegio dos cardeaes: D. Payo Galvão, que teve o berço em Guimarães, formado na Universidade de Pariz; enviado a Roma por embaixador de el-rei D. Sancho I, foi creado cardeal pelo papa Innocencio III em 1206. Taes credits adquiriu na santa sé, que o papa Honorio III o escolheu em 1218 para o desempenho de uma alta missão, mandando-o por seu legado apostolico com a cruzada a conquista da Terra Santa. O seu successor, Gregorio IX, durante as graves dissensões que teve com o imperador Frederico III, enviou-o a este soberano, na qualidade de legado apostolico, em 1225, para o trazer á obediencia da santa sé, missão em que D. Payo mostrou grande prudencia e habilidade.»

Damos estes apontamentos, se é que

já os não tem, ao nosso amigo padre Caldas, para enriquecer a magnífica obra que, ácerca de Guimarães, anda escrevendo.

* * *

Foi com o maior prazer que vimos traduzido para a lingua de Cervantes o que aqui escrevemos em o nosso n.º de 15 de maio, ácerca do Mez de Maria. Devemos este favor ao nosso apreciavel collega de Valencia «La Union Catolica», que traduziu para o seu n.º de 31 de maio a primeira parte da nossa revista.

Outro que não fomos nós, censuraria o collega valenciano por não dizer d'onde transcrevera o pequeno periodo em questão. Nós pelo contrario não só louvamos mas até agradecemos ao collega, e lhe pedimos que sempre que assim o queira faça como seus os nossos artigos.

* * *

A obra de Santa Infancia de que tanta gente por ahi se ri é uma das mais extraordinarias, mais sympaticas, mais caritativas instituições com que os tempos modernos se ufanam. Se não vejamos pela seguinte noticia que transcrevemos do nosso apreciavel collega de Coimbra, a «Ordem», se é ou não digna de nossa admiração:

«A Obra da Santa Infancia recebeu grande impulso depois da terrivel fome, que segundo os calculos mais bem fundados, occasionou já a morte de 14 a 15 milhões de victimas na China.

«Agora não se grita já contra os missionarios, ao contrario, por toda a parte nos chamam meninos.

«No principio do anno passado estava confirmado bispo n'um povo da minha missão. Durante a cerimonia, a porta do presbyterio ficou litteralmente obstruida por uma barricada de cestos contendo infelizes creaturas. Perguntou-me um dos missionarios: «Que havemos fazer agora, Monseñor? E' nos impossivel soccorrer tantos pequerruchos.»

Respondi-lhe: «Estes são os presentes dos Magos que o bom Deus nos envia: aceite-os. A Providencia virá em seu auxilio.» Pouco tempo depois escrevia-me aquelle missionario:

«Tinha em meu orphanolato 80 meninos; hoje tenho 400.»

Em minha missão baptisavam-se por anno cerca de 7:000 meninos. Em 26 annos temos baptisado por conseguinte 182:000.

D'estes só sobreviveram 22:000; de maneira que n'estes 26 annos hão subido ao céu 160:000 innocentes.

E como na China existem 24 missões com a mesma extensão que a minha, pôde mui bem calcular-se que a Obra da Santa Infancia abriu já as portas do céu a 3.840:000 innocentes.»

* * *

São tantas as publicações que temos ante nós e de que queremos occupar-nos, que não sabemos em verdade por quaes devamos principiar. Como não é esta a secção reservada para tractar largamente de publicações litterarias, e só para dar ao leitor conhecimento do movimento litterario do paiz, vamos passar rapidamente por diante de todas as que temos a pejar-nos a banca, sem com tudo nos dispensarmos de voltar ao assumpto.

—
Morte ao Clericalismo, ou Resurreição do sacrificio humano, por Monsenhor Gaume, traducção de José Gonçalves de Aguiar, editado pela livraria Catholica de Joaquim Antonio Pacheco—Lisboa. Eis um livro de que só o titulo é de si bastante para provocar a todos os leitores o desejo de o possuir. E se não fosse firmado pelo nome mais auctorizado de quantos nomes firmam escriptos catholicos, que espanto não seria o dos nossos assignantes ao ler no *Progresso Catholico* um tal titulo! Mas o titulo desperta o desejo de comprar o livro, e o nome do author recommenda a sua leitura. Dispensamo-nos, pois, de dizer mais nada a tal respeito, e julgamos ter dito o bastante, para que nenhum dos nossos leitores deixe de querer a *Morte ao Clericalismo*. E, ao lendar a sua leitura, temos a certeza de que nos bendirão por tal livro lhe aconselharmos.

—
O Martyr do Golgotha, por Henrique Perez Escrich, traducção de Cruzeiro Seixas—3 vol. com gravuras 1\$200 réis, edição da Bibliotheca do Cura d'Aldeia.—Porto.

Quem não tem lido os romances do Perez Escrich? E sobre tudo, quem não conhece já o *Martyr de Golgotha*, esse livro admiravel, nas paginas do qual o author nos dá, em magnificos traços, os quadros mais formosos com que se pôde ornamentar um romance? Quem não passou a vista por essas paginas em que Escrich nos descreve os acontecimentos que uns apoz outros se seguiram desde o nascimento de Christo até á sua morte nas escabrosidades do Calvario, quando ao soltar o ultimo suspiro fazia pedaços as algemas que pezavam á humanidade? Qual será dos nossos leitores que não tenha lido o *Martyr do Golgotha*? Se algum ha a quem não pôde chegar ás mãos a 1.ª nem a 2.ª edição faça por obter a 3.ª que não se arrependerá de a comprar, nem tão pouco de lhe dar lugar entre os livros que mais forem da sua estima.

—
As Tres Rosas dos escolhidos, por Segur, traducção de Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar, conde de Samodães, etc. Porto, 1 vol. 200 réis.

Este pequeno livro, mas não tão pequeno que não tenha 148 paginas in-8.º, bom papel e typo, é como que um formoso ramalhete que o auctor offerta aos catholicos. São tantas e tão variadas as flores que o compõem, que eu antes lhe queria chamar um jardim formado de tres canteiros, onde Segur fez nascer quantas flores podem agradar ao espirito christã.

Devide-se o livro em tres partes: O *Amor do Papa*, o *Amor pela Virgem Santissima* e o *Amor do Santissimo Sacramento*.

Estes tres pontos são tractados como os sabe tractar esse incansavel obreiro da vinha do Senhor; e tão bem tractados são, que o seu auctor recebeu um breve de Sua Santidade Leão XIII em que lhe agradece o haver escripto uma obra de tanta utilidade.

O traductor é o nobre Conde de Samodães, esse soldado do catholicismo que se encontra sempre em todas as refregas, em todos os campos onde a bandeira catholica se hasteia; e isto é tambem uma boa, se não a melhor recommendação para o livro que com todo o empenho recommendamos.

—
Historia Universal, por Cesar Cantú.—Traducção de Manoel Bernardes Branco, edição de Francisco Arthur da Silva—Lisboa.—Publicou-se o vol. 11 d'esta importantissima obra, de que já se fallou largamente em o n.º 9 e de que sempre fallariamos se o tempo e as estreitas dimensões da nossa revista o permitissem.

A melhor apologia, porém, que d'esta obra se podia fazer, fel-a ultimamente uma empreza, animada pelo interesse e pelo espirito de impiedade, que annunciou o plano de a esporgar dos erros de que a deixou eivada Cesar Cantú. Estes erros são nada menos que as verdades catholicas tão livremente descriptas pelo sabio historiador, e que fazem uma sombra pasmosa a uma turba de descrentes que por ahi blasonam do sabios.

O editor querendo facilitar a posse d'esta obra importante recebe ainda assignaturas por fasciculos ou volumes, e nós querendo secundar este serviço prestado ao publico offerecemo-nos para receber as assignaturas dos nossos leitores do «*Progresso Catholico*» e para lhes enviarmos os fasciculos ou volumes sem augmento no preço.

—
Tambem recebemos o 1.º e 2.º n.º do «*Jornal de Viagens*», publicação illustrada que vê a luz da publicidade no Porto. Não são más as gravuras, e os artigos são instructivos e variados; pelo que nos parece haverá sido bem recebido d um publico acostumado a comprar e a ler muita babozeira illustrada.

Custa 750 réis por trimestre e publica-se semanalmente em folhas de 12 paginas.

—
Agradecemos a troca que com a nossa folha se dignaram fazer as seguintes publicações:

«*Portugal Pittoresco*» e «*Maravilhas da Creação*», de que fallaremos no proximo n.º, assim como d'outras obras para que nos não sobra o tempo d'esta vez.

J. DE FREITAS.

CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde 25 de maio e a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa.

Dos exc.^{mos} srs:

Padre Ernesto Schmitz.—Enviamos os volumes 1.^o para os 10 assignantes, bem como os brindes respectivos, e o brinde que se havia extraviado.

Dr. Linhares.—Recebemos ambas as quantias, que agradecemos.

Prior João Baptista de Figueiredo Breda.—Fizemos expedir os numeros publicados, excepto os que se acham esgotados, que irão apenas reimpressos.

Padre J. M. Fraga de C. Feijó.—O que dissemos na ultima carta foi por engano. A obra que deseja não está ainda á venda; logo que o esteja será enviada.

Santos Correia & Mathias.—Recebemos o exemplar do discurso, que agradecemos. Se fôr procurado pediremos.

Padre Antonio Lourenço Guerreiro.—Enviamos o livro pedido e conservamos ás ordens de v. ex.^a a quantia de 75 réis que sobraram.

Dr. Antonio Leite Ribeiro de Magalhães.—Recebemos o importe da assignatura, que agradecemos.

Luiz Antonio da Rocha.—Recebemos o importe do fasc. 3.^o e enviamos o 4.^o com a mudança de direcção. Scavini deve sair por todo este mez, e será enviada a 1.^a caderneta.

Padre Antonio Ferreira de Souza.—Enviamos de novo os n.^{os} que nos indica, que não havíamos mandado por julgar que tinham ido em duplicado. Contas depois veremos.

Padre Antonio Correia de Abrantes.—Expedimos os dous livros pedidos. N.^o que faltam irão quando se reimprimam.

Padre Manoel Antonio Melloiro.—Fica paga a assignatura do «Progresso Catholico»; enviamos os n.^{os} que faltavam, bem como o folheto pedido.

Francisco Arthur de Souza.—Foi enviado o que pediu.

Joaquim Antonio Pacheco.—Enviamos as folhas.

A. C. Pinto de Figueiredo.—Expedimos os dous n.^{os} O resto ainda não sabiu.

Padre Venancio da Costa Oliveira.—Enviamos os n.^{os} publicados aos dous novos assignantes, que muito agradecemos, ficando pagas. O fasciculo 14 não tardará e depois verá como a obra corre, não tendo de esperar talvez nada pelo 15.

João Albino Ferreira.—Expedimos o n.^o 14 e pedimos o favor de nos dizer o numero de assignantes a quem faltam os numeros e quantos. Agradecemos e esperamos mais. O n.^o 4 vai reimprimir-se.

Prior Miguel Antonio da Fonseca e Souza.—Recebemos o importe dos fasc. 12 e 13 que agradecemos.

Beneficiado Jacintho José Marques de Rezende.—Enviamos o n.^o 14 e pedimos desculpa da falta que não partiu de nós.

Augusto de Calça e Pina.—Mudada a direcção como ordena.

José Antonio Teixeira Coelho.—Enviamos o vol. pedido.

Antonio Correia Pinto de Figueiredo.

—Vamos pedir os livros que nos indica, que agradecemos.

Padre José Marques.—Recebemos a quantia enviada, e conservamos o livro pedido.

Antonio Roque Botelho.—Mandamos a direcção e enviamos os n.^{os} publicados do «Progresso», assignatura que agradecemos.

João Ignacio Ferreira.—Recebemos o agradecemos. Despezas de conta dos assignantes.

Padre E. Smithz.—Enviamos as 3 assignaturas, brinde e outro exemplar Chantrel. Lá vai mais este.

Sergio de Souza.—Enviamos uma colleção dos n.^{os} publicados do «Progresso Catholico». O mais só depois de serem certas as assignaturas.

Francisco Alves Ferreira.—Satisfizemos a assignatura enviada, que agradecemos.

Manoel P. Pinto da Rocha.—Expedimos o 2.^o volume e pedimos desculpa do nosso descuido.

Antonio Augusto de Almeida.—Enviamos a «Critica e Auctoridade». O resto vamos pedir-o e o mandaremos logo que cheguo.

Firmino Lopes Figueiredo.—Recebemos o importe dos 4 primeiros volumes. Tomamos nota do mais. Já mandamos o brinde?

Sebastião José Pereira.—1.^o volume brinde enviado. Agradecemos.

Vice-rektor Antonio Caetano Vaz Pereira.—Enviamos de novo o n.^o 13.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

TRES LIVROS IMPORTANTES

(ULTIMAS PUBLICAÇÕES)

MORTE AO CLERICALISMO

Resurreição do sacrificio humano

POR

MONSENHOR GAUME

POTONOTANO APOSTOLICO

TRADUZIDO DA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

JOSÉ GONÇALVES D'AGUIAR

1 vol. de 155 pag. 400 réis

UMA HORA

NA PRESENÇA DE

JEZUS SACRAMENTADO

APPROVADO PELO ORDINARIO

1 pequeno folheto de 16 pag. 50 réis

AS TRES ROZAS DOS ESCOLHIDOS

POR

MONSENHOR GAUME

TRADUZIDA DA 2.^a EDIÇÃO FRANCEZA

POR

Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguiar

Conde de Samodães, par do reino, ministro e secretario de estado honorario etc., etc.

1 vol. de 145 paginas 200 réis

GRAMMATICA

LINGUA ITALIANA

PARA USO DOS PORTUGUEZES

POR

ANTONIO VIEIRA LOPES

Medico-cirurgico pela eschola do Porto

2.^a edição correcta e augmentada

1 vol. 600 réis

O preço do «Progresso Catholico» é de 600 réis por anno, franco de porte. Só se recebem assignaturas por um anno e a principiar sempre no 1.^o numero de cada anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damazo, 50 a 34—Chimaraes.

Porto—Imp. Civilização, de Santos & Lemos
8, Rua de Santo Ildefonso, 10